

Índio feliz

O futuro das terras indígenas tem sido tema de pesquisas atualmente. Saber como estarão essas terras e como será o futuro desses povos é uma questão que vem sendo discutida entre os estudiosos do assunto. O antropólogo e professor Antonio Brand, que coordena um dos programas de pesquisa e extensão desenvolvido junto às sociedades indígenas do Estado: Programa Kaiowá-Guarani, do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas da Universidade Católica Dom Bosco (NEPPI/UCDB), diz que as populações indígenas que ocupam 58 municípios de Mato Grosso do Sul têm perspectivas promissoras por meio do ensino e da educação de qualidade. Uma das poucas populações que defendem e lutam pelo que é seu, os próprios indígenas também ressaltam a importância de se preservar a cultura e identidade de suas famílias.

Página 13

Noturnos em trilha

Munido de apenas uma lanterna é possível acompanhar de pertinho animais de hábitos noturnos, sentir um friozinho na barriga e ainda ficar craque em espécies de plantas nativas. Tudo isso é o novo atrativo do Parque do Prosa. Sempre com suas famosas trilhas durante dia, surge agora esse projeto diferente e irreverente. O Em Foco acompanhou de pertinho toda a trilha e sentiu na pele as variadas sensações dessa aventura.

Página 06

ÍNDICE

CADERNO A

Opinião	02
Entrevista	03
Política	04
Economia	05
Geral	06

CADERNO ZOOM

Cultura	09
Esporte	11
Universidade	12
Futuridade	13
Instantes	14
Resenha	15
Turismo	16

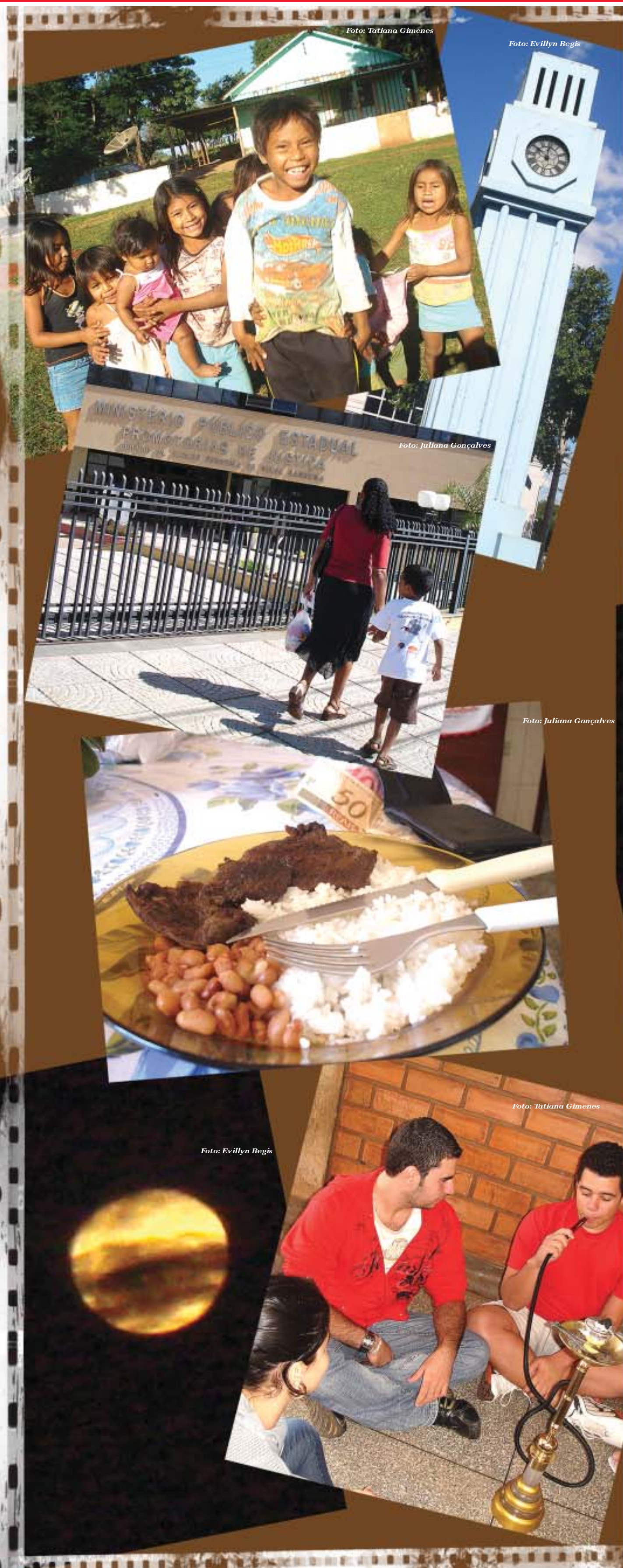


Foto: Tatiana Gimenes

Foto: Evillyn Regis

Foto: Juliana Gonçalves

Foto: Juliana Gonçalves

Foto: Tatiana Gimenes

Foto: Evillyn Regis

Confuso horário

O Projeto de lei que visa à unificação dos horários de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, apresentado ao Senado e à Câmara, tem por objetivo argumentar sobre o atraso de uma hora que ocorre nestes Estados em relação a Brasília. A questão do fuso horário está gerando polêmicas na população por diversos fatores, sendo um desses em relação ao reflexo que sofre a economia do Estado, por perder importantes participações em operações econômicas que ocorrem no país.

Página 05

Adoption

A adoção internacional é a solução para muitos casais estrangeiros que querem tanto completar a família como para aqueles que não têm filhos e encontram na adoção a oportunidade para tê-los. No entanto, a seleção dos casais é bem rigorosa, e a maioria dos pedidos vem de casais europeus. Eles não têm tantos problemas em levar uma criança com mais idade, independente da cor, sexo, irmãos, que não podem ser separados. A adoção acontece mais por amor, e ser diferente dos filhos biológicos não interfere em nada para os casais do exterior que querem ser pais de crianças brasileiras.

Página 08

Filhos na planilha

O modelo de família brasileira está se transformando. Antes os casais constituíam um lar com muitos filhos, como na época de nossos avós e bisavós. Agora este cenário dificilmente acontece, a maioria das famílias de classe média, onde o nível de escolaridade é maior, planeja a quantidade de filhos. Algumas das variáveis utilizadas pelas famílias para reduzir o número de integrantes são: os gastos com a cesta alimentação, com grande peso dentro do orçamento da família, e a dificuldade de encontrar um bom emprego.

Página 05

No pulmão

O narguilé tem se tornado um hábito entre os jovens que procuram uma forma de interagir com os amigos. Fumado individualmente ou em grupos, é mais prejudicial à saúde do que o cigarro. O alerta vem da Organização Mundial de Saúde (OMS) que afirma que uma sessão de narguilé dura em média uma hora e equivale ao consumo de cerca de 100 cigarros. Mesmo assim, o fumo árabe tem se tornado popular com o passar dos anos e conquistado adeptos.

Página 08

Editorial

Dias melhores virão!

Eles não precisam de muito para ser feliz. Apenas respeito e a garantia de direito às terras onde vivem e em que seus antepassados nasceram. Os índios em Mato Grosso do Sul que fazem parte de seis etnias, estão em 74,3% dos municípios do Estado, vivem um presente “tenso e de mal-estar” dentro das aldeias, segundo especialistas no tema. Entre os Kaiowá-guaranis, por exemplo, conforme estudos do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), dobraram os casos de violência. Mas a luz vermelha de alerta já está ligada há muito tempo. Na mídia o retrato trágico é resumido em tópicos: suicídio, desnutrição, alcoolismo, assassinatos, conflitos de terras, entre outras mazelas degradantes.

Mas neste Em Foco nossos acadêmicos repórteres dão boas notícias. As perspectivas para nossos índios são de felicidade. Existe a convicção de que os kaiowás-guarani vão permanecer em suas terras. Na editoria de Futuridade estudiosos das questões indígenas e integrantes da comunidade mostram como a educação é cada vez mais priorizada pelos índios e deve garantir a manutenção dos mesmos em suas terras, assim como preservar suas culturas. Um presente ativo, politizado e consciente é a carta na manga que os indígenas de MS vão apresentar para dias melhores.

Este Em Foco marca o fim do semestre na Universidade Católica Dom Bosco! Foram 150 dias em que os estudantes do Curso de Jornalismo da UCDB exercitaram intensamente a prática da reportagem em sete edições do Jornal Em Foco. Este também é nosso coringa. Nós comemoramos os números recordes para os jornais laboratórios de Mato Grosso do Sul. Só neste período foram duzentas reportagens publicadas que contaram histórias da sociedade sul-mato-grossense nas mais diversas áreas. E já que estamos falando de futuro, são estes exercícios de quantidade, que não dispensam a qualidade que fazem a diferença dos jornalistas que se formam na UCDB. Profissionais exercitados ao máximo, ainda na Universidade, no fazer jornalístico.

Obrigar o eleitor a votar não exercita democracia

Bruna Lucianer

Assistindo televisão esses dias atrás, reparei em uma propaganda do Governo incentivando os jovens de 16 ou 17 anos a fazerem seu título eleitoral para votarem nas eleições municipais. Lembrei de mim mesma, há três anos; completei 16 anos no dia 5 de julho e no dia 6 fui até o Fórum fazer meu título. Sempre gostei de política, desde cedo costumava prestar atenção na conversa dos mais velhos quando esse era o assunto. Saía repetindo o que eles diziam para os meus amiguinhos que, na maioria das vezes, não queriam saber da conversa.

Pensando na aversão que a grande maioria das pessoas tem à política (e não vou entrar em detalhes de peculiaridades da mesma) veio outra questão à minha cabeça: porque alguém que tem horror até de ouvir falar em política, é obrigado a votar? Você pode ter pensado: ué, porque todo mundo precisa exercer sua cidadania. E eu retruco: foi a mídia, mancomunada com o próprio Governo, que enfiou isso na sua cabeça.

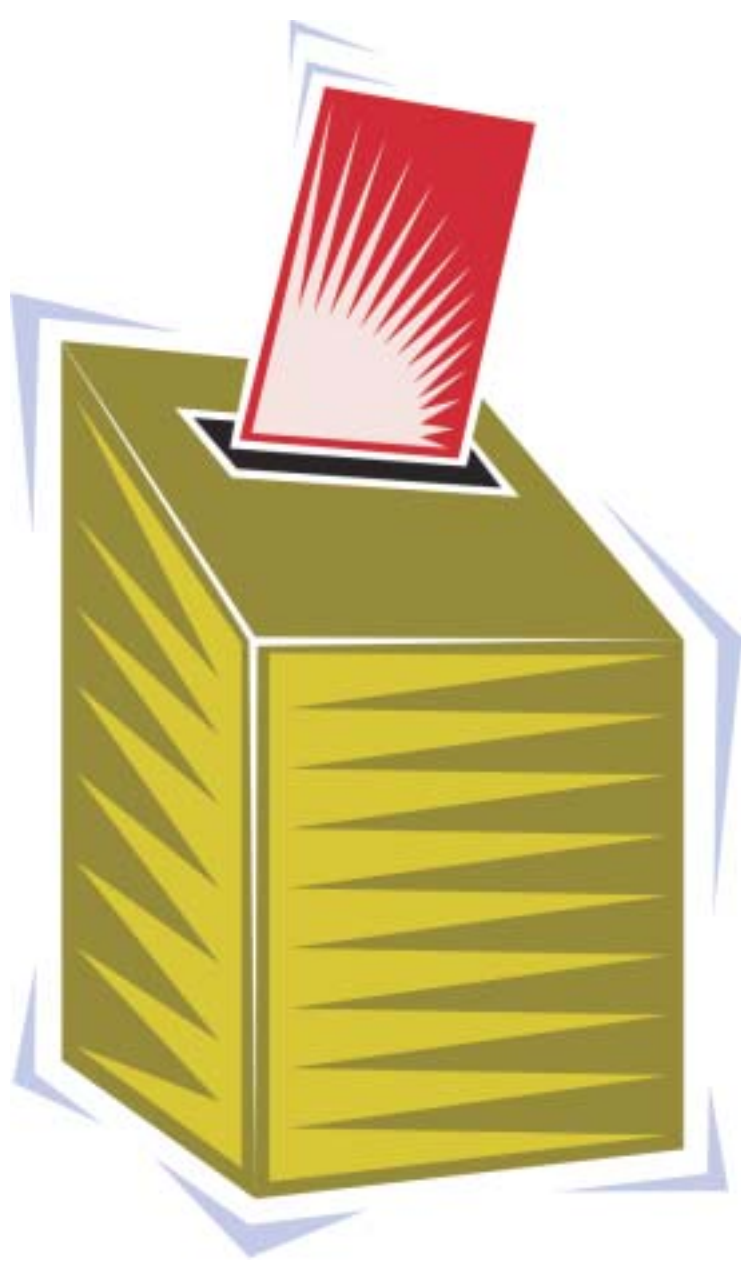
Esse tipo de coisa é típica do Brasil mesmo; um país que se autodenomina livre e democrático, mas que obriga seus habitantes a exercerem aquele que deveria ser um direito. A grande maioria dos países verdadeiramente democráticos não obriga sua população a ir às urnas. Vota quem quer, quem deseja realmente exercer a tal cidadania.

Certo, se o voto não fosse obrigatório, muita gente deixaria de exercer esse direito. E com toda razão, diga-se de passagem. É mais do que óbvio que se o voto fosse facultativo, o número de votantes seria dire-

tamente proporcional ao nível de consciência política desenvolvido pela população. Seriam votos com qualidade e consciência, o que obrigaria o candidato a se preocupar infinitamente mais com sua credibilidade pública.

No caso da não-obrigatoriedade do voto, surge a questão da prática de “troca de favores”, a famosa compra de votos. Em primeiro lugar, é muita hipocrisia afirmar que não existe compra de votos no atual sistema. Pelo contrário, o eleitor pode pensar: “já que tenho que votar, pelo menos que eu tire algum proveito disso”. Para ilustrar essa afirmação, utilizo o fato de que pesquisas mostram que 80% dos eleitores não lembram o nome do deputado federal que votaram nas últimas eleições. A adoção do voto facultativo levará às urnas o eleitor disposto a investir no futuro de seu município, seu Estado, sua nação e aumentará a responsabilidade dos Partidos Políticos na escolha de seus candidatos, que deverão ser aqueles identificados com as aspirações das comunidades que deverão representar.

Garanto que eu estou assustando muita gente com essa conversa. E a idéia é assustar mesmo; mostrar o quanto somos manipulados diariamente por todos os meios possíveis. A televisão está aí, para nos dizer o tempo todo como é lindo, importante e digno votar. Mas ela não diz que um direito deixa de ser um direito quando é imposto por alguma entidade (principalmente quando essa entidade é a própria Constituição Federal), e você, caro brasileiro, acredita em toda essa ladainha e vai feliz às urnas a cada dois anos, correndo o risco de perder mais direitos ainda caso não compareça. E nessa “impo-



sição de direitos” o Brasil continua no rumo que está...

Tenho certeza de que uma eleição com o voto facultativo espelharia com muito mais fidelidade a vontade popular. A escolha seria mais precisa e cristalina, pois o eleitor já iria às urnas com seus candidatos definidos, abandonando inclusive o risco de ser influenciado por boca de urna. Reparou como a grande maioria dos problemas relacionados à política

partidária estaria resolvida?

Mas para a tranquilidade daqueles que fazem do seu mandato parlamentar um meio de vida, utilizando palavras do vereador Zulmir Rasch e parodiando uma passagem bíblica do Livro de Mateus (Mt 19.24), é mais fácil um camêlo passar pelo buraco de uma agulha, do que o Congresso Nacional aprovar emenda constitucional instituindo voto facultativo no Brasil.

crônica

O Espelho do Outrem e a Expressão da Cibernética

Pedro Martinez

Num mundo tão cheio de misérias e injustiças o único ponto em comum que todos querem chegar é na melhoria. E se é chamado de melhoria é porque é uma vontade de mudar o que está ruim. Um único agravante é implícito nessa história: você só diz que muda se alguém mudar.

Mudar ou não? Querer ou não? Esquecemos a qualidade ou a prezamos? São as questões universais nos rodeando e a gente pensa no “Ídolos” que vai começar a passar ma Record. As pessoas

ficam tão presas às suas dúvidas que acabam gastando toda a sua força em coisas completamente materiais. O chocolate cura a solidão, o sorvete cura a dor da paixão não correspondida e a bebida cura o pé no trazeiro. Nesse vai e vem de eletrônicas, botões de playstation e cabos de fibra ótica cibernéticos a gente acaba virando só um único ser sem expressão que sorri com dois pontos e a letra “D”. Mas a gente não pode ser um personagem que se controla com o botão x e o quadrado do vídeo-game, agente não muda porque a



Foto: www.sxc.hu

revista de games manda, ou ensinam a gente mudar o mundo não é só

um, ele são vários mundos em um só. EU somos todos nós.

Se numa simples foto digitalizada cada ponto de luz é um pixel, então cada pixel forma uma foto só. O mundo e a gente é a mesma coisa, somos um só que formam um mundão gigantesco e a gente deve sim se individualizar, mas se individualizar para o mundo e não para nós mesmo num planeta chamado Messenger.

EXPEDIENTE



Em Foco – Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Ano VII - nº 105 – Junho de 2008 - Tiragem 3.000

Obs.: As matérias publicadas neste veículo de comunicação não representam o pensamento da Instituição e são de responsabilidade de seus autores.

Chanceler: Pe. Lauro Takaki Shinohara

Reitor: Pe. José Marinoni

Pró-Reitor Acadêmico: Pe.Dr. Gildásio Mendes

Pró-Reitor Administrativo: Ir. Raffaele Lochi
Coordenador do curso de Jornalismo: Jacir Alfonso Zanatta

Jornalistas responsáveis: Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108, Cristina Ramos DRT-MS 158 e Inara Silva DRT-MS 83

Revisão: Cristina Ramos e Inara Silva

Edição: Cristina Ramos, Inara Silva e Jacir Alfonso Zanatta

Repórteres: Ana Maria Assis, Bruna Lucianer, Camila Cruz, Clarissa Faria, Cláudia Basso, Ederson Almeida, Evellyn Abelha, Evillyn Regis, Fernanda Mara, José Luiz Alves, Júlia de Miranda, Juliana Moraes, Juliana Gonçalves, Kleber Gutierrez, Luciana Brazil, Magna Melo, Pedro Martinez, Rogério Valdez, Tatiana Gimenez, Thiago Dal Moro e Wanessa Derzi.

Editores de legendas, títulos e fios: Camila Cruz, Clarissa de Faria, Ederson Almeida, Fernanda Mara, Juliana Moraes, Magna Melo, Priscilla Peres e Sarah Iserhagen,

Projeto Gráfico e tratamento de imagens: Designer - Maria Helena Benites

Diagramação: Designer - Maria Helena Benites

Impressão: Jornal A Crítica

Em Foco - Av. Tamandaré, 6000 B. Jardim Seminário, Campo Grande – MS. Cep: 79117900 – Caixa Postal: 100 - Tel:(067) 3312-3735

Em Foco on-line: www.jornalemfoco.com.br

Home Page universidade: www.ucdb.br

E-mail: emfoco@ucdb.br
emfoco.online@yahoo.com.br

O curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Católica Dom Bosco abocanhou o Expocom Centro-Oeste, realizado na cidade de Dourados entre os dias 5 e 7 de junho de 2008.

A premiação foi na categoria Institucional com os trabalhos realizados pela Agência Pedagógica + Comunicação, que tem como objetivo oferecer aos acadêmicos de publicidade e propaganda um espaço de interação e formação profissional, e na categoria Mídia Alternativa com a participação do curso no Dia da Responsabilidade Social realizado no Parque Ayrton Senna em Campo Grande - MS.

Direto de Stuttgart para Campo Grande

Ederson Almeida

Maria Beatriz Albuquerque de Almeida é natural do Rio de Janeiro, e uma das principais bailarinas clássicas da atualidade, segundo críticos de dança. Atualmente reside em Campo Grande onde montou um estúdio de dança juntamente com a irmã Patrícia Almeida, também bailarina.

Em Foco: Como iniciou sua história com a dança?
Beatriz: Comecei balett aos 11 anos, com uma professora Russa, que dava aulas perto da minha casa, fiz toda minha escola com ela que se chamava Slava Goulenko, tive muita sorte em trabalhar com esta professora, que além de ser



uma excelente profissional tinha contatos com o Teatro Municipal do Rio de Janeiro e foi através dela que trabalhei com grandes nomes da dança na época no Brasil. Também, através dela, fui encaminhada para outras professoras como Tatiana Leskova e Eugênia Fedorova que foram outras duas pessoas que tiveram grande relevância na minha carreira.

Em Foco: Como foi recebida por sua família a notícia de que você iria seguir a carreira de bailarina?
Beatriz: Meu avô sempre adorou música clássica, minha mãe é uma cantora de mão cheia, já meu pai era campeão de dança de salão. Então na verdade a família já tem um pouco desta coisa de artista no meio e sempre me deram o maior apoio.

Em Foco: Conciliar a dança com os estudos, como foi

esta fase para você?
Beatriz: Teve uma época em que eu estava estudando para o vestibular, era uma fase meio que sem perspectivas. O Teatro Municipal não abria vagas, não tinha provas, então eu fiz vestibular. Mais para continuar os estudos e a intenção era fazer Belas Artes onde eu podia fazer alguma coisa relacionada com a dança, cenografia, história da arte, alguma coisa assim. Depois de seis meses de faculdade abriu o concurso para o Teatro Municipal, que eu fiz e passei e não voltei para a faculdade.

Em Foco: Quais eram seus planos como bailarina do Municipal do Rio de Janeiro?
Beatriz: Os meus planos sempre foram os maiores possíveis, os mais altos possíveis. Eu sempre quis ser primeira bailarina, queria dançar O Lago dos Cisnes, sempre quis os primeiros papéis, e foi sempre assim. Eu consegui.

Em Foco: Como foi deixar o Teatro Municipal do Rio de Janeiro e embarcar rumo ao

desconhecido?
Beatriz: Nossa! Eu estava muito nervosa e ao mesmo tempo animadíssima. Nem passou pela minha cabeça que podia dar errado. Eu fui com uma passagem de ida, mil dólares e acabou. Se vira! Foi penoso o primeiro ano. Foi horrível. Não sabia falar alemão, não sabia falar inglês daí eu fiquei muda, praticamente muda. Fiz só corpo de baile, aprendi tudo. Balés novos, estilos novos, diferentes de tudo que havia dançado por aqui. Foi muito legal! Já no segundo ano eu ganhei dois solos. Um foi balé de Bach e o segundo foi coreografado por William Forsythe, e foi graças a estes dois solos que deslanchei como solista na companhia,

pode ser segmentado, o que está acontecendo com MS. Campo Grande principalmente pode se tornar uma Goiânia, um espaço de música sertaneja, e não é só isso. Acontece todo tipo de som lá, e eu acho que o público tem que estar mais atento a isso.

Em Foco: Foi difícil chegar até SP conquistar espaço, como que foi isso?
Magôo: É, foi bem difícil. Todo começo é difícil, né? Foi um pouquinho de ralação, entre idas e vindas que eu ficava aqui, desde 2000, faz oito anos, mas estamos aí correndo atrás.

Em Foco: Como você conheceu o Zeca Baleiro, e começou a trabalhar com ele?
Magôo: Num jogo de futebol, com o Paulo Lê Petit, que me apresentou ele, o Zeca falou “pó”, você tem que ir lá em casa, não sei o que... Ah tá... Daí passou dois anos, eu fui morar sete meses na França, aí ele me mandou um e-mail: poxa Magôo você não quer fazer parte da banda? Com maior prazer, eu voltei pro Brasil estamos aqui indo para o terceiro ano, ele é uma figura, pessoa muito querida muito especial, e sempre também uma pessoa que sabe compartilhar as coisas, pessoa bondosa.

Em Foco: Foi difícil romper a dificuldade, a diferença de Estado, por que aqui em São Paulo você é mais um. Em Campo Grande, você é o Adriano Magôo. Você não sente diferença, lá você é

até chegar como primeira bailarina.
Em Foco: Como foi que surgiu esta oportunidade de dançar no Balet de Stuttgart?
Beatriz: Foi tudo de bom, o que mais eu queria. Eu nem me toquei que iria largar minha família, meu namorado, que iria deixar meus avós. Eu queria era ir, mas é claro chegou uma semana antes de embarcar, que eu olhei para o pessoal e pensei: Meu Deus do céu, não vou ver mais minha família, não tenho colo agora! Naquela época não tinha internet, não tinha e-mail, não tinha fax e telefonema era caríssimo. Quer dizer, eu ligava pra família de dois em dois meses, foi muito difícil no primeiro ano.

Em Foco: Qual a importância desta experiência em sua carreira?
Beatriz: Imagina só. Por mais que você não queira, mesmo que você não queira, você absorve as coisas, aprende as coisas só de estar em contato com outros bailarinos, pessoas que dançam mesmo. Por que no Teatro Municipal a gente ensaiava muito e não dançava sempre. E lá nós ensaiávamos muito e dançávamos mais ainda. Então era balé 24 horas por dia, trabalhei com Jirí Kylián, Maurice Bejart, todos os balés de John Cranko e vários coreógrafos iniciantes. O coreógrafo que foi de maior importância para minha carreira, Uwe Scholz foi lá que eu conheci. Então queira ou não, você aprende. Então, tudo isso é maravilhoso, não podia ser melhor, se fosse melhor estragava.

Em Foco: Ser primeira bailarina de uma das maiores companhias de balé do mundo, qual a importância?
Beatriz: Ai, não sei! É muito importante, é uma responsabilidade tremenda. Até por que na Alemanha, bailarina é como se fosse pop-star. As pessoas jogam flores, mandam cartas, pedem autógrafos. Nós tínhamos às vezes dez minutos de aplausos. Você chega num lugar as portas se abrem, porque você é bailarina. Primeira bailarina então, nossa é fenomenal! Você é ídolo das pessoas, além de ser um prazer muito grande é também uma responsabilidade maior ainda, mas é

conhecido?
Magôo: Lá também eu sou um músico como aqui, acho que não, meu papel de músico lá e aqui é o mesmo, acho que não existe isso.

Em Foco: A distância entre o sonho e a realidade, na vida dos músicos é muito estreita. Como você lida com isso, para não pirar?
Magôo: É. Como tipo em Mônaco. Não aqui com o Zeca, aqui tudo é o pé no chão. Mas lá é um mundo bem de sonho mesmo. Os caras andando com Ferraris, tinha mais Ferraris do que outros carros, mas isso também vai da cabeça de cada um, da pessoa ter o pé no chão, e ter um pouco de bom senso e equilíbrio. Senão ela acaba se deslumbrando e perde a noção, não é o meu caso, pelo menos até agora, por que eu vim lá de baixo, eu pretendo continuar assim, quietinho, minha família ainda é humilde.

Em Foco: As músicas do show do Zeca Baleiro tentam passar uma mensagem, você acredita que isso é importante?
Magôo: Sim, mas depende do que o compositor quer falar naquele momento. Muitas vezes o compositor está brincando, com algum tipo de situação e as pessoas levam aquela brincadeira pelo lado ruim. Às vezes está falando sério e as pessoas levam na brincadeira, depende da interpretação das pessoas.

Em Foco: Você compõe? O Zeca canta alguma música sua?
Magôo: Um pouquinho. Nós

fantástico.
Em Foco: Quais os principais balés dançados por você?
Beatriz: “O Lago dos Cines”, que é o sonho de toda criança que quer dançar e quer ser primeira bailarina, “Bela Adormecida”, “A Megera Domada”, que foi meu primeiro grande papel, que teve uma importância crucial na minha carreira onde eu era Catarina e Eugene Onegin, que eu não conhecia antes de sair do Brasil, e foi um papel pelo qual eu me apaixonei assim que eu vi. E outros, que foram obras neo- clássicas, como a “Criação do Mundo” sendo que este balé foi criado por Uwe Scholz especialmente para a companhia, então eu tive solos criados especialmente para mim. É o sonho de toda bailarina inspirar um coreógrafo, ele ainda criou “Suíte Para Dois Pianos” de Rachmaninoff e o *creme de la creme*, a “Sétima Sinfonia de Beethoven”.

Em Foco: Como foi tomada a decisão de voltar para o Brasil?
Beatriz: Foi complicado, mas chega uma hora que você tem que mudar de profissão. O corpo da gente não aguenta aquele rojão que é dançar lá fora, onde você dança 150, 180 espetáculos às vezes, uma loucura! Então o corpo começa a pedir descanso. Eu sempre gostei muito de dar aula e de trabalhar com crianças, com adolescentes, com profissionais, mas não dançando, mas com coreografias, dando aulas. E sempre quis muito trabalhar com minha irmã, ter uma escola de balé junto com minha irmã. Eu sempre que podia vinha da Alemanha pra dançar na escola da minha irmã no Rio de Janeiro. Quando chegou a hora de dar esse passo eu decidi vir para o Brasil onde seria o lugar que eu poderia dar minha contribuição maior e mais que Rio de Janeiro ou São Paulo, Campo Grande.

Em Foco: Por que Campo Grande?
Beatriz: Primeiro, porque achei que era uma cidade que estava crescendo muito, porque eu tenho família aqui, minha mãe é de Miranda e eu conheço bem este Estado. Quando criança vinha pra cá todo ano

para passar minhas férias. Depois quando vim passear aqui, eu vi o Ginga e alguns espetáculos de dança. Falei, gente tem dança nesta cidade, que coisa boa! Foi muito legal, então eu achei que aqui seria um lugar bacana pra gente montar nossa escola e começar a fazer o nosso trabalho.

Em Foco: Qual seu olhar sobre a dança em nosso Estado?
Beatriz: Primeira coisa que eu vi aqui de dança foi o Ginga, e eu gostei demais da companhia! Achei os bailarinos muito bons e principalmente a coreografia muito boa. É aquela história, coreografia é uma coisa, que a pessoa tem que nascer e tem que estar com muita vontade, porque é 90% transpiração e 10% de inspiração. E Chico Neller tem isso muito forte nele, é bom ver como alguém que nunca saiu do Brasil consegue fazer coisas tão belas. Acho que o fato dele não ter saído daqui contribui em muito para essa inspiração coreográfica, muito mais própria e sempre em busca do novo.

Em Foco: O momento em que o bailarino decide não mais dançar deve ser um dos mais difíceis na vida deste profissional; como foi isso pra você?
Beatriz: Quando decidi que não mais iria dançar os grandes papéis até que não foi tão complicado, pois ao contrário de muitos bailarinos eu não parei porque tinha algum problema físico. Então ainda posso dançar, fazer pequenos papéis na minha escola ou como convidada, além da decisão é preciso saber o seu limite.

Músico da Capital almeja sucesso profissional em SP

Magna Melo

O músico Adriano Franco de Oliveira, de 34 anos, conhecido pelo apelido de Magôo, nasceu no Rio de Janeiro, mas veio para Campo Grande ainda criança, por esse motivo se considera sul-mato-grossense. Fez vários trabalhos por aqui, e como muitos músicos foi buscar algo mais fora do Estado. Conseguiu se destacar entre os que vão para São Paulo e hoje toca com Zeca Baleiro e faz outros trabalhos paralelos. Em entrevista ao Jornal Em Foco ele conta como foi essa mudança.

Em Foco: Como você aprendeu a tocar?
Magôo: Comecei a tocar na igreja, com seis anos de idade, uma igreja evangélica, e treinava em casa.

Em Foco: Você fez aula de música?
Magôo: Não, sou autodidata, aprendi tudo sozinho, e com amigos.

Em Foco: Quais são os instrumentos que você

toca?
Magôo: Bom, oficialmente piano e acordeom, só que arranho um violão e outros.

Em Foco: Profissionalmente como que tudo começou?
Magôo: Começou com treze anos de idade, em Campo Grande, com um grupo de Baile que eu não vou lembrar, era um grupo com Castelo e Mansão.

Em Foco: Em Campo Grande você adquiriu seu espaço, ficou satisfeito com isso?
Magôo: Sim, muito satisfeito, Jerry Espindola, Paulo Simões, Geraldo Espindola, Celito Espíndola, e mais gente.

Em Foco :Tem um trabalho em Campo Grande?
Magôo: Sim, com a banda Jerry&croa acabamos de gravar um CD agora, aqui em São Paulo, que ficou muito bom.

Em Foco: Como que você vê o desenvolvimento musical do Estado de Mato grosso do Sul?
Magôo: Muito bom, cada vez melhor. Só que ele não



Artista - Magôo, carioca com coração sul-mato-grossense

fizemos uma música bem inspirada no Roberto Carlos, mas não entrou no disco não.

Em Foco: Vocês viajam muito pelo mundo, qual foi o show que foi inesquecível?
Magôo: O de Campo Grande é o inesquecível para a banda. Que eu me lembre, nesses três anos foi o que tinha mais gente, estava muito bonito, foi especial.

Em Foco: Quais os planos para o futuro?
Magôo: Tocar, gravar, fazer disco, o mesmo de sempre.

Em Foco: Você alcançou a realização dos seus so-

Ana Maria Assis

Nas Eleições 2008, que vão eleger o prefeito e 21 vereadores no dia 5 de outubro, 1.561.181 eleitores devem escrever mais uma linha na história da Capital Morena. Para prefeito a eleição é chamada de majoritária, e para vereador, proporcional. O cidadão nem sempre tem a ciência da diferença entre as duas eleições, que provoca uma mudança brusca no resultado final, pois o candidato com maior número de votos pode não ser o eleito.

Majoritária é a eleição definida pela conta de votos de cada candidato, independente do partido, quem tiver o apoio da maioria dos eleitores vence. A proporcional envolve também a contagem por partidos, quando a representação política do partido será proporcional a quantidade de votos que a sua chapa, ou coligação, recebeu. No caso da eleição proporcional, os eleitos são os mais votados dentro da sua chapa, respeitando a representatividade que a chapa pode ter de acordo com seu número de votos.

Além do prefeito, Presidente da República, governador do Estado, e senadores são eleitos a partir de eleição majoritária, e a eleição proporcional, dos vereadores, é aplicada também para a escolha de deputados federais, deputados estaduais e distri-



Urna - Eleitores devem entender a importância do voto e como ele vai ter peso diferente nas eleições de Outubro, para não jogar fora seu poder

Eleições

Período para esclarecer todas as dúvidas e como cada político será eleito

Quanto vale o voto?

tais. Fora o senador, que possui mandato de oito anos, os outros cargos possuem quatro anos de mandato, e então novamente são realizadas as eleições majoritária e proporcional.

Dia 10 de junho foi o prazo máximo das convenções partidárias para as eleições de 2008. Porém, ainda há os eleitores que tratam as convenções partidárias com indiferença. “Não importa a coligação, a pessoa de bom sen-

so vota pelo candidato”, defende o administrador Inácio Shwanz.

Quociente

Para calcular o resultado da eleição proporcional é dividido o número de votos válidos pelo número de vagas para o cargo, que é o quociente eleitoral. E então é feita a divisão entre o número de votos válidos recebidos em cada partido pelo quociente eleitoral, esse número indica

quantos representantes a coligação pode eleger. Por fim, os candidatos com mais votos dentro de sua coligação preenchem as vagas destinadas a ela, e caso a coligação não atinja o número um no resultado final, não terá nenhum representante eleito.

“Esta é uma questão partidária. A eleição proporcional dá chance aos partidos pequenos, faz com que eles sobrevivam e que os novos políticos tenham alguma

chance de conquistar um cargo”, opina o engenheiro agrícola Nilson Marques, que acredita no possível monopólio político sem a prática da eleição proporcional. Nilson também aponta vantagem para a sociedade. “O novo político sendo eleito pode tra-

MAJORITÁRIA
O candidato com maior número de votos é eleito.
Aplicada para escolha do prefeito, presidente da República, governador do Estado, senadores.

PROPORCIONAL
São eleitos os mais votados dentro da sua coligação, respeitando o número de eleitos que a coligação pode ter de acordo com seu número total de votos.
Aplicada para escolha dos vereadores, deputados federais, deputados estaduais e distritais.

Democracia a serviço da comunidade



Trabalho - Período eleitoral gera empregos em MS

Eleição aquece economia de MS

Magna Melo

A partir deste mês trabalhadores saem às ruas para fazer panfletagem, distribuição de *bótons*, fitinhas para por no braço e se transformam em seguradores de bandeira. As contratações aquecem a economia do Estado, o dinheiro que é pago para os trabalhadores acaba voltando para o mercado. A movimentação econômica acontece com a contratação de serviços em gráficas, estúdios de gravações de áudio e vídeo e até com o aumento no consumo de combustível nos postos para as caravanas.

Os diretórios estão se reunindo para definir metas e cabos eleitorais. Com isso muitas oportunidades de

empregos temporários surgem. Segundo a diretora do departamento de empregos da Fundação Social do Trabalho (Funsat) Inês Donatoni, não há registros de quantas pessoas são contratadas em época de campanha eleitoral. “Nada impede que surjam vagas, basta que sejam oferecidas dentro das normas da lei, até agora não temos ofertas, para esse ano”, afirma.

O presidente do bairro Nascente do Segredo Jairo Correia trabalha em campanhas políticas há mais de dez anos. Ele apóia o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), e se prepara para as contratações temporárias de cabos eleitorais para trabalhar na comunidade. “Temos acordos verbais firmados, o candidato que o partido apoiar nós apoiaremos, estamos esperando para poder começarmos a campanha”, diz ele que ainda não acertou valores da renda que vai receber do partido.

Cláudia Basso

No ano de 2008 acontecerá a eleição para prefeito e vereador em todo território nacional. A escolha de candidatos para concorrer pelos partidos é um trabalho que se desenvolve tempos antes da data prevista para as eleições. A disputa para saber quem vai disputar qual cargo é decidida através de votações internas, ocorridas nos próprios diretórios partidários, e quem vota são os membros dos partidos em questão. Todo cidadão pode participar da escolha de candidatos que representará seu partido, para isso é necessário que a pessoa seja eleitora no município em que deseja atuar e se filiar ao partido de sua escolha.

“As pessoas não entendem por que a participação na política é um exercício pleno da cidadania. Os últimos acontecimentos criaram uma imagem negativa da política e as pessoas não vêem que a solução é justamente participar”, declarou Miriam Cambará, vice-presidente do PSDB mulher em Campo Grande que explicou ainda como deve proceder quem deseja se filiar. “A pessoa precisa procurar o diretório do



Participação - Liberdade de escolha para filiação em partidos

partido que pretende integrar e solicitar a filiação, precisa ser de livre e espontânea vontade e é gratuito”.

Quem se filia a um partido deve ter o comprometimento ético e moral com a ideologia que rege o organismo, defender as propostas, trabalhar e colaborar com o partido garantindo assim o direito de participar de vários eventos, como reuniões, escolha de nova gestão e até mesmo disputa de cargos eletivos.

“A legislação eleitoral exige no mínimo um ano de filiação para poder se candidatar. Até mesmo o fundo recebido pelo partido é propor-

cional ao número de filiados registrados. O PMDB é o maior de Mato Grosso do sul, tem aproximadamente um milhão e meio de filiados”, explicou o acadêmico do quinto semestre de Direito, Gilton Almeida.

Há um incentivo muito grande dos líderes partidários para a participação e interesse cada vez maior dos jovens na política. “Ninguém dura para sempre, é preciso pessoas novas para erguer a bandeira do partido. As pessoas estão cansadas de votar sempre nos mesmos e não enxergam que para os candidatos mudarem é preciso que outros se interessem por fazer um trabalho político

diferente”, desabafou o presidente da Força Jovem do PMDB Juliano Gogoz, de 25 anos. “Sempre votei em políticos do PMDB, me identifiquei com o histórico de trabalho desenvolvido por eles e julgo ser muito importante minha presença aqui para colaborar com o partido, ano que vem assumirei a secretaria do Comitê da juventude do PMDB”, declarou Claysson Vieira, acadêmico de Administração que é um dos mais novos filiados do partido, desde janeiro deste ano e sonha em se candidatar algum dia.

A escolha de um partido para filiar-se é livre para o cidadão e cada um pode mudar de partido se julgar necessário ou se não estiver mais de acordo com os ideais regidos pelo diretório em questão. Para fazer essa troca é necessário que o filiado apresente uma comunicação por escrito ao Juiz eleitoral de sua zona e ao diretório municipal onde esta inscrito afirmando o desejo de se desfiliar. Caso filie-se a outro partido sem efetivar o desligamento do partido anterior a pessoa correrá o risco de ter anulada ambas filiações, perdendo assim o direito de participar de futuras eleições internas e de se candidatar.

a **Corrupção** não deixa espaço pro crescimento

exija um Brasil limpo.

comunicação



Foto: Evillyn Régis

Contra - O horário do nascer e pôr-do-sol em todo o Estado não muda o que, caso o horário seja alterado, pode trazer complicações à saúde da população, principalmente quanto ao sono dos sul-mato-grossenses

Fuso Horário

Possibilidade de ajuste no relógio com horário de São Paulo gera polêmica e divide opiniões da população

Uma hora a mais, ou a menos?

Evillyn Régis

O projeto-de-lei apresentado pelos parlamentares Delcídio do Amaral (PT-MS) e Jayme Campos (DEM-MT), ao Senado e a Câmara Municipal de Campo Grande, visa à unificação do fuso horário de Mato Grosso do Sul e de Mato Grosso ao das regiões Sul, Sudeste e Nordeste. Este fato está gerando várias discussões sobre o assunto, sendo uma destas referente ao reflexo na economia do Estado.

No projeto um dos principais argumentos faz referência às dificuldades de viabilização de negócios sujeitos a horários específicos nas demais regiões, com ênfase no Sudeste, como as operações do mercado financeiro. Conforme os proponentes da alteração de horário, quando se encerram os

pregões da Bolsa Valores de São Paulo, ou quando são fechadas as instituições bancárias, Cuiabá e Campo Grande perdem uma hora de que poderiam dispor para amadurecer decisões ou viabili-

zar importantes participações em operações econômicas.

Para o estudante de Geografia Paulo Sérgio, de 41 anos, a alteração do fuso horário traz pontos positivos.

Foto: Evillyn Régis



População - Ansiosa pela decisão da mudança de horário

Modernidade implica em reajustes no bolso da família

Juliana Gonçalves

Ter muitos filhos é um ônus a mais no orçamento doméstico e o fator econômico influencia diretamente, pois o recurso é escasso e como fazê-lo render no final do mês é o que muitas famílias se perguntam. O acesso à informação e ao conhecimento torna as pessoas mais racionais, e o resultado se encontra em casais com um número menor de filhos do que os seus avós tiveram.

Além da facilidade de acesso à informação, o nível de escolaridade dos brasileiros está cada vez mais elevado. As pessoas se tornando mais instruídas tendem a tomar decisões mais coerentes, conseguindo interpretar as informações econômicas. De acordo com o IBGE, as famílias estão tendo cada vez menos filhos: em 1960, a média era de seis filhos por mulher, hoje é de apenas dois. E este é mais um reflexo das transformações ocorridas na família brasileira, como a entrada da mulher no mercado de trabalho e a popularização dos métodos anticoncepcionais.

Segundo o economista Emerson Alan, professor da Universidade Católica Dom Bosco, para 90% da população brasileira economicamente ativa, a cesta alimentante dentro de seus orçamentos. “Você tem que se planejar, o planejamento é a base de tudo, fazer uma lista e ver o que eu tenho de despesas fixas, o que eu poderia cortar para que eu possa ter uma sobra maior, para poder guar-



Foto: Juliana Gonçalves

Economia - Cesta alimentação resulta em mais economia no bolso

dar, para fazer aplicação financeira. Para que daqui tanto tempo eu consiga ter um recurso para fazer uma viagem, então tudo isso, é planejamento”, explica ele.

Quanto mais filhos mais despesas é o que afirma a empregada doméstica Luzinete Cavazani, 48 anos, que tem dois filhos adolescentes. “Este mês nós sentamos para ver o que pode diminuir para tentar sobrar. Deveria ser uma prática constante, mas agora que a gente está parando e pensando nisso, todo mês eu e meu marido fazemos a compra de mercado sempre de olho nas promoções. Se a maçã está um real mais cara porque não comprar o caqui que esta mais barato? Mas os gastos com telefone, internet, carro também são bem grandes.”

De acordo com a técnica em enfermagem, Francisca

Alves, 66 anos, sabendo poupar, pode-se ter uma alimentação saudável com os mesmos nutrientes encontrados nos alimentos de primeira qualidade e que também são mais caros. Ela ressalta que o Brasil desperdiça muito alimento, que pode se transformar em uma refeição e esquece que nas cascas destes encontram-se muitas vitaminas. “Tudo se resume em não desperdiçar, você tem que viver bem, e você ganha para viver o melhor possível, tudo isso dentro da economia usando o necessário, pois no desperdício vai um terço do nosso salário. O meu objetivo é viajar, então este é o primeiro item da minha lista de contas. E tudo o que vou comprar eu tendo pagar à vista, ou guardando um pouco de dinheiro para não pagar os juros. Sempre visando minhas viagens”.

“Diante da questão levantada, podemos citar que iria de uma forma otimizar as operações de mercado, que muitas vezes são comercializadas nas fronteiras ao Oeste do Estado. No caso temos o exemplo de Três Lagoas que já leva em consideração, não oficialmente, o horário de SP, esse seria um fator positivo”, afirma.

O estudante Maxsanter de Lima Sturn, de 27 anos, comenta sobre a necessidade dos governantes falarem sobre as pequenas empresas. “Eu trabalho numa empresa que preciso diretamente falar com São Paulo, pedir documentos, fazer várias transações. Ninguém está direcionando a esse comércio menor, estão direcionando apenas às pessoas e a favor das grandes empresas, que precisa de um funcionamento con-

tínuo”, relata Lima.

Para o comerciante Wesley da Silva, de 25 anos, a mudança de horário será melhor. “O comércio só tem a ganhar com essa reivindicação por meio dos parlamentares e outros setores, pois serão mais horas de trabalho e também o empregado será recompensado por isso, portanto todos vão sair lucrando”.

Para o geógrafo e professor Fabio Martins Ayres, que participou da audiência pública realizada para discutir o tema em abril deste ano na Câmara Municipal de Campo Grande, a população precisa saber de alguns fatores que fazem a diferença. “Como vantagens podemos citar a dinâmica do Estado, comércio (economia), as questões político/administrativa, o fator cultural, que são os Pro-

gramas de TV e os dias mais longos. As desvantagens serão em questão à segurança, à exposição ao sol, à qualidade de vida, no caso as horas de sono e no tempo e espaço”, explica Ayres.

A estudante Edir Monteiro Lejanoshi, de 40 anos, atenta também para a questão dos pontos positivos e negativos. “A sociedade deve ser instruída com um embasamento científico e técnico para que ela se decida. Nós percebemos que a nossa população está sendo manipulada por interesses maiores”, afirma a estudante.

A inexperiência não é mais empecilho

Rogério Valdez

Espírito empreendedor, este é o perfil do jovem empresário. O tempo ensina, mas apenas idade não é sinônimo de competência. Boas propostas são sempre aceitas e novos administradores renovam o pensamento do mundo dos negócios.

Inexperiência não precisa mais ser um obstáculo, o conhecimento está ao alcance de quem se interessa pelas tendências do mercado. De acordo com a analista do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), Marli Sanches, a capacitação é uma realidade. O próprio Sebrae possui programas que incentivam o empreendedorismo, não apenas em acadêmicos de Administração, mas todos os interessados em negócios. Palestras gratuitas, informações sobre linhas de crédito e desafios que exercitam a gerência de marketing são opções de aprimoramento das capacidades do jovem empreendedor. “Informação nunca é demais, quanto mais você lê, quanto mais se conhece sobre o assunto se perde imaturidade e ganha experiência, porque empreender é paixão e foco, é ter conhecimento é ter estratégia de marketing no mercado. O empresário deve ser inquieto e sempre buscar fazer o melhor”, explica Marli.

Com apenas 21 anos, o empresário Fernando Au-

gusto Fernandez, administra um restaurante, do qual tomou frente após a saída do pai. Já cuida do negócio há cerca de três anos, com pouco conhecimento de mercado no início, não sabia como administrar, aprendeu com a experiência, que ele considera uma ótima escola, uma dificuldade é lidar com funcionários. “Isso é sempre complicado, às vezes eles querem ter alguns direitos e nem sempre estão certos, acaba dando briga na justiça e um pouco de dor de cabeça, outra dificuldade é a burocracia que existe para tudo, principalmente agora que estou passando a empresa para o meu nome”, declara Fernando.

Aprendizes

Para quem quer entrar no mercado, a realidade pode ser bastante diferente, o acadêmico do 2º ano de Administração da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Willian de Souza Araújo, diz que há uma visão de que no campo da administração há uma grande demanda de estágio para quem quer se inserir no mercado, porém as empresas acabaram convertendo o estagiário a um office-boy de luxo, ou atendente de telemarketing, onde existe uma oferta exagerada de vagas, são poucas as empresas que oferecem um crescimento profissional e pessoal. O acadêmico





Foto: Tatiana Gimenes

Narguilé - Fumo árabe tornou-se um hábito nas rodas de jovens campo-grandenses que se reúnem em grupos e fumam durante horas em qualquer horário e local

Comportamento

Apesar de conhecerem os riscos que o narguilé pode causar adeptos não se preocupam

Fumo árabe vira mania

Tatiana Gimenes

Mais conhecido como uma espécie de “fumo árabe”, o narguilé tem conquistado adeptos com o passar dos anos, mesmo com o alerta da Organização Mundial de Saúde (OMS) advertindo que uma sessão equivale ao consumo de 100 cigarros. Por tratar-se de algo a ser fumado em grupo, os fumantes de narguilé passam horas conversando em um círculo que pode até mesmo ser comparado a uma

“roda de tereré”.

O estudante Suhel Rachid Rodrigues, de 23 anos, conta que fuma narguilé desde os 13 anos. “Meu pai era sócio do Lardruzo, o maior clube árabe de São Paulo, onde todas as mesas tinham um narguilé. Ele perguntou se eu queria experimentar. Eu experimentei e gostei”, comentou.

Segundo Rachid, a frequência com que ele fuma depende do estado de espírito. “Tem vez que eu fumo todo dia, tem vez que é intercalado”, acrescentou o estudante. Uma sessão de narguilé dura em média uma hora.

“O Narguilé causa harmonia, significa hospitalidade,

bondade. Não tem discussão na roda”, completou Rachid, que diz que as rodas geram conversas agradáveis, pensamentos bons e nunca se tem discussão entre os usuários. Suas essências preferidas são as de ameixa e melão caipira.

Tuani Yasser Neder Silva, de 20 anos, estudante de Direito começou a fumar há dois anos, por influências de amigos. “Logo que eu comecei fumando era toda semana, eu fumava muito, mas depois eu vi na revista que o narguilé é mais prejudicial à saúde do que o cigarro. “Depois disso, ele conta que deu uma moderada no hábito. “Agora é mais em ocasiões especiais”, com-

pletou.

Há pouco mais de um ano, Gabriela de Oliveira Zaleski, de 20 anos, estudante, estava na casa de uns amigos onde começou a fumar. Ela lembra que o narguilé não era o convencional, era caseiro. Também experimentou e gostou.

Para Gabriela, o importante é reunir os amigos. “Rola uma cordialidade, me sinto bem quando estou com os meus amigos”, ressaltou. Por outro lado, ela lembra que o fumo contém substâncias tóxicas. “Tem esse lado que é prejudicial, mas tem que ter moderação”.

Gabriela não costuma fumar sozinha. Geralmente

fuma uma vez por semana. Ela acrescenta que fumar narguilé dá uma sensação prazerosa, as pessoas querem conhecer, querem saber o que é. “Na minha sala só eu tenho, muitos já conheciam e muitos queriam experimentar. Algumas pessoas ficavam receosas porque às vezes sem conhecer associam com as drogas. Ela lembra que suas essências preferidas são as de chocomenta e caramelo.

Origem

Muito se diz a respeito de como surgiu o narguilé. O que se sabe é que a partir do século XVII ele foi adotado por todos os países do Oriente Mé-

dio e se tornou tradição nas reuniões das famílias árabes.

Também chamado de cachimbo d’água, o Narguilé tem maior produtividade na Síria, país onde também se encontra o maior número de indústrias de tabaco.

Partes

O Narguilé é formado pelas seguintes peças:

Base: geralmente feita de vidro, metal ou cerâmica, a base é o local onde se coloca a água. **Corpo:** peça cilíndrica que conduz a fumaça. **Fornilho:** peça de barro ou cerâmica onde se coloca o tabaco e, por cima deste, depois de um papel alumínio vai o carvão em brasa. **Mangueira:** por onde se aspira a fumaça.

O princípio comum é o fato de a fumaça passar pela água antes de chegar ao fumante. Há ainda algumas regras para se fumar o narguilé, como por exemplo, não colocá-lo sobre a mesa, pois ele deve sempre ser mantido no chão. Os preços variam entre R\$ 80,00 e R\$ 500,00, podendo chegar até R\$ 1,5 mil

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), fumar narguilé pode trazer os mesmos riscos para a saúde que o cigarro. Apesar de legalizado, são necessários mais estudos para esclarecer a ligação entre o cachimbo oriental e diversas doenças letais. Assim como o cigarro, não existe nenhum tipo de fumo que seja inofensivo à saúde. Ele atua de forma lenta, afetando o organismo e causando riscos à saúde pulmonar.

Em 2006, a OMS lançou um documento para alertar sobre os riscos do consumo desse produto. Nele diz que a presença da água faz com que se aspire mais fumaça, que se torna mais tolerável; dessa forma inala-se maior quantidade de toxinas.

Apesar de haver poucos estudos que avaliem os riscos específicos do narguilé, sabe-se que não existe segurança em consumir nenhum tipo de tabaco em nenhuma quantidade, uma vez que todos os produtos relacionados ao tabaco são altamente viciadores e prejudiciais à saúde. Portanto, fumar narguilé pode ser prejudicial, um “charme” ou uma questão de cultura do ângulo em que é observado.

Exigência torna o processo de adoção mais demorado

Juliana Gonçalves

A adoção internacional vem ganhando força, principalmente europeus, buscam no Brasil crianças para completarem sua família. Mas não é fácil, a prioridade das crianças brasileiras são para casais de mesma nacionalidade, que normalmente têm preferência por bebês e crianças nos seus primeiros anos de vida. E o que se observa é um cenário muito diferente na adoção internacional. Apesar de haver uma descrição da criança que procuram, normalmente eles não se importam com a idade mais avançada, e deixam de lado características como cor e raça na hora de adotar.

A Justiça deve ser bem cautelosa para que uma organização estrangeira possa intermediar adoções internacionais de menores em território nacional. São feitas exigên-

cias para prevenir o seqüestro, a venda ou o tráfico de menores. Estas exigências são cobradas anualmente ou às vezes até em menos tempo e, caso não sejam cumpridas, a organização não poderá mais intermediar as adoções.

Dentre as obrigações das Organizações estão não terem fins lucrativos e este termo deve ser esclarecido no documento de pedido de adoção da família estrangeira. Ela também pode ressaltar a faixa etária da criança (a diferença entre a criança e os pais adotivos deve ser superior a 16 anos) que gostaria de adotar assim como sexo, cor e se tem preferência por irmãos.

No Brasil existe a Comissão Estadual Judiciária de Adoção Internacional (Cejai). Em Mato Grosso do Sul ela é formada por cinco membros: um Corregedor Geral de Justiça, um Desembargador do Tribunal de Justiça, um Juiz da 1ª Vara da Infância e Juventude e do Idoso, uma promotora e um representante do Conselho Estadual da Criança e do Adolescente. “Esta comissão se reúne toda primeira segunda-feira do mês e é responsável por deferir ou indeferir os processos de adoções internacionais”, segundo “Y”, um ex-integrante da comissão que prefere não se identificar.

De acordo com a Promotora de Justiça, Ariadne de

Fátima Cantú da Silva, a comissão atende ao rigor da Convenção de Haia que há 15 anos disciplinou em um tratado assinado por diversos países a adoção internacional. O Brasil é signatário e ratificante à lei totalmente incorporada ao ordenamento jurídico interno. “A existência da Comissão proporciona o julgamento do caráter de admissibilidade de processos de casais que querem se inscrever ao processo de adoção. Não são aqueles que vão adotar, o processo de adoção é em outra face, então a CEJAI faz esta avaliação em caráter preliminar da organização destes documentos atendendo aos rigorismos dos Tratados de lei nacionais e internacionais do qual o Brasil é signatário, o que dá uma maior segurança no trabalho com estas de adoções internacionais”, explicou Ariádne.

A adoção é uma das formas de colocação de criança ou adolescente em família substituta. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), há três formas de colocação em família substituta a guarda, tutela e adoção. Quando o juizado tem a notícia de que há uma criança em situação de risco, ele tem que tomar algumas providências, tentando fazer uma reinserção desta criança ou adolescente aos próprios pais biológicos, com acompanhamentos psicológicos e psiquiátricos

desta família.

Quando não se tem êxito o Juiz busca reintegrar esta criança na família extensa (não sendo o pai ou a mãe, mas alguém dentro da própria família, como avós, tios, padrinhos) que possa ficar com a guarda desta criança. No entanto, se ainda assim não existir êxito o Juiz determina que esta criança fique transitoriamente em um abrigo, que deve ser temporário. Na tentativa de conseguir que ela retorne a sua família biológica.

Se a criança ou adolescente não for reinserida por falta de responsabilidade dos pais o Juiz toma uma medida mais drástica que é a destituição do poder familiar, os pais então perdem o poder familiar sobre os filhos

e estes o vínculo com os pais. A partir deste momento o juiz vai buscar a adoção. O Estatuto da Criança e do Adolescente determina que a adoção deva ser feita dentro de casais nacionais, o juiz só busca a adoção internacional quando não se consegue resolver a adoção em território nacional.

“Nas grandes cidades e em Campo Grande também é assim, você tem todos os abrigos super lotados e nós temos aqui um cadastro com 100 casais interessados em adoção, e todo mundo pergunta isso, se temos tantos casais cadastrados por que os abrigos estão tão lotados. Dentro do perfil destes brasileiros infelizmente eles querem crianças de até dois anos de idade, de cor branca

e isso acaba trazendo um grande prejuízo, por que estas crianças que estão abrigadas ali, depois desta idade, não são procuradas por casais para adoção e hoje tem se conseguido uma maior adoção de crianças com mais idade entre casais estrangeiros, principalmente casais da Europa”, explicou o Juiz de Direito da Infância e da Juventude e do Idoso Carlos Alberto Garçete. Segundo ele os casais estrangeiros geralmente não têm a necessidade de adotar um recém nascido, nem de ter uma criança com fisionomia parecida com a deles. “Eles fazem a adoção por uma questão de amor, independente de raça, cor, sexo e idade”, finaliza Garçete.

Foto: Juliana Gonçalves



Crianças - Quanto mais velhas, menor a chance de serem adotadas e maior a espera por família